

MARCAS DA SAUDADE EM MEMÓRIAS POÉTICAS: A CONSTRUÇÃO DE UMA HISTÓRIA PELO VIÉS DO FICCIONAL EM DUDÉ DAS AROEIRAS

Prof^a. Mestre GERMANO, Patrícia (MLI – UEPB).*

Para início de conversa...

O que dizer do poeta e da arte literária em tempos de descentramentos e de hibridações? Como limitar o conceito de literatura e de literariedade num instante em que as antigas posições fixas num positivismo - que conferiam ao escritor de outrora lugares específicos e formas estanques na atitude de fazer arte - estão em processo de desconstrução?

Longe de estabelecer essas disparidades, o escritor contemporâneo e a arte literária hodierna se embrenham num posicionamento rizomático (Deleuze & Guatarri, 1992) cujo objetivo central é propiciar encontros e estabelecer percursos entre várias rotas, caminhos entrecruzados entre fronteiras que mais unem que delimitam.

Com apoio em Pesavento (2001, p. 8), entendemos aqui a fronteira como um

conceito ambivalente ou bifronte, que se compara como a uma espécie basculante entre o encerramento e a abertura, entre o marco que define e delimita e a janela ou porta que possibilita a comunicação. Se pensarmos a condição de fronteira nos marcos da temporalidade, poderíamos dizer que nos encontramos em um momento privilegiado, ao qual talvez se aplicasse esta expressão emblemática: fronteira do milênio.

Para a autora, vivemos um momento em que a noção de “hífen” e das separações bem demarcadas sofre a desconstrução advinda de um período em que a separação e a fixidez são perturbadas pelo agenciamento efetivo dos encontros múltiplos e, talvez, mais inesperados.

Como produção humana e, de certo modo, inferência e sublimação de seres sociais, a arte literária percorre, nesse novo contexto, as rotas inerentes à imprevisibilidade e desenvolve, cada vez mais, mecanismos que põem sob suspeita os conceitos precisos ou limites específicos responsáveis em enquadrar os textos em armaduras arquetípicas, porque canônicas, o que, na maioria das vezes, prescrevia regras a serem seguidas e limites a serem obedecidos.

De acordo com Cüller (1999, p. 41), entre outras características, “a literatura é uma prática na qual os autores tentam fazer avançar ou renovar a literatura e, desse modo, é

* Universidade Estadual da Paraíba – Departamento de Letras e Artes – Mestrado em Literatura e Interculturalidade.

sempre implicitamente uma reflexão sobre a própria literatura”. Tal posicionamento, de certa forma, conduz o objeto artístico-literário a se autoquestionar e a se re-configurar em novas feições, “quebrando” os domínios, rompendo as fronteiras erigidas entre campos tidos como específicos, por vezes impenetráveis.

É pela visão de possíveis intercâmbios de valores e, principalmente, pela busca de novos rumos para construção literária em tempos atuais que muitos artistas, cuja matéria prima é a palavra escrita e falada (e, por que não inserida num pacto de troca com os novos recursos midiáticos do agora), buscam conduzir as suas obras por novas rotas onde os traçados convencionais do feitiço literário como gênero, tipo, forma ... são alterados em essência, atitude que conduz a crítica canônica a rever seus apetrechos analíticos, na tentativa de melhor dar conta de uma tarefa descontínua e imprevisível como é a criatividade humana.

Interessante perceber essas inovações temáticas e formais nos textos literários não somente como novidades próprias desse contexto. Vale salientar que, na arte ocidental ou ocidentalizada, as inovações intensificam-se, sobretudo mediante os fluxos informativos e a diversidade de encontros agenciados por um processo econômico, mas que deixa suas marcas em outros campos e que atende pelo nome de globalização. Ou seja, com o advento da quebra entre fronteiras, com o apogeu dos encontros, não é mais possível estabelecer limites para o fenômeno artístico e nem tampouco tentar prendê-lo entre os elos de uma crítica canônica. Para Eagleton (1993, p. 205),

A estética torna-se a tática de guerrilha da subversão secreta, da resistência silenciosa, da recusa teimosa. A arte vai pulverizar a forma e o significado tradicionais, porque as leis da sintaxe e da gramática são as leis da polícia. Dançará no tórumulo da narrativa, da semântica e da representação, celebrará a loucura e o delírio, falará como mulher, dissolverá toda dialética social no puro fluxo do desejo. Sua forma se tornará seu conteúdo - uma forma que repugna toda semântica social e só assim pode nos dar um vislumbre de como deve ser a liberdade.

Por esse prisma, a literatura tende, na contemporaneidade, a assumir um papel diverso daquele a qual havia sido relegada em tempos primevos. Hoje as interfaces literárias com outros campos de conhecimento, bem como com os modos de apresentação e representação desses universos, tornam-se cada vez mais constantes, resultando na quebra de fronteira entre o que era relegado ao artístico e o que não se “enquadrava” nesse suposto bloco estanque.

Com a História, particularmente, os textos literários podem ser vistos não como simples representação ou reconstrução de um instante, nem somente pelo viés positivista da

arte como consequência de um momento histórico específico. Outrossim, é importante observar que “o domínio do contexto social de onde a obra emerge é a primeira exigência de uma crítica razoável, até para garantir – mesmo que seja em zonas periféricas – a compreensão de certas nuances estéticas” (GONÇALVES FILHO, 2000).

A priori, o enfoque desenvolvido nesse estudo visa a analisar a representação histórica na produção literária de um autor paraibano em plena atividade artística cuja temática e *leitmotiv* essencial é a reconstrução mnemônica da sua cidade de origem, através de mecanismos literários diversos sem se furtar de mesclar a literatura com outros campos simbólicos.

Por compreender que “a densidade de uma obra literária se expressa quase sempre pela densidade de nossos dramas sociais e, por que não acrescentar, de nossos dramas existenciais e históricos” (Op. Cit, p. 80), aproximamo-nos da obra de “Dudé das Aroeiras” como um *locus* literário no qual a estética e os artificios da linguagem são alocados numa eficiente tentativa de transmitir aos seus leitores e interlocutores uma história alternativa à historicidade oficial, na medida em que seus poemas, narrativas e relatos trazem à cena literária os dramas e a formação de um povo “ramos e galhos de uma árvore-cidade”.

Para realizar essa análise, utilizamos algumas considerações de Bosi (2004), Eagleton (1993), Fernando Catroga (2001) entre outros.

Dudé das Aroeiras: ramificação de uma árvore

Dudé das Aroeiras é o codinome do poeta paraibano José Severino da Costa Barbosa, nascido em 15 de outubro de 1951, natural da cidade de Aroeiras, município situado na zona agreste da Paraíba. Professor de língua inglesa nas escolas do supracitado município, cantor, compositor e criador do *Perfil Cultural*, programa de maior audiência exibido semanalmente pela rádio comunitária da cidade, o poeta é autor de três livros: **Marcas da saudade** (2001), **Pedras de riachos: a história da nossa história** (2003) e **Lembranças de um poeta** (no prelo).

De viés híbrido, a produção de Dudé (como é conhecido nas redondezas) é marcada pelo ecletismo estético, conteudístico e formal, bem como pelo apego exagerado às referências de sua terra, de sua gente, de seu legado cultural.

A partir de uma poesia mesclada de imagens metafóricas onde o saudosismo é o eixo maior, a arte produzida pelo autor tem se mostrado como importante aliada na divulgação e

recuperação da memória coletiva local e ainda, como um aparato histórico-crítico daquilo que fora silenciado pela ideologia do discurso oficioso.

No primeiro volume de poemas publicado pela editora Idéia no ano de 2001, o poeta esmera-se em mesclar versos tradicionais, produzidos segundo os parâmetros consagrados por escritores românticos e simbolistas, com composições já musicadas pelo ser poeta-cantor-compositor. O opúsculo teve a tiragem de 1000 exemplares esgotada no município em menos de um ano. O eixo central são as imagens saudosistas, as recuperações mnemônicas de uma história contado por um eu-poético que assume a função de “recordador” (BOSI, 2004).

Em **Lembranças de um poeta** (até a presente data no prelo), o objetivo central é mesclar a arte aos recursos audíveis e, com isso, recuperar a riqueza da oralidade poética a partir de um CD que acompanhará o livro. De certo modo, conforme entrevista com o autor, “tudo não passa de é uma tentativa de se democratizar a literatura, para que ela seja ouvida e que consiga atingir aos diversos tipos de público”. Na obra prevalece um eixo satírico, burlesco, irônico até então desconhecido em Dudé. Contudo, a atitude saudosista ainda é sentida pela reconstrução metafórica de cenas de um passado “filtrado” pela ótica do autor.

Unindo musicalidade com o veio poético, um traço comum nos três livros é a paixão e o compromisso em exaltar à terra de origem, fato que se revela desde o nome escolhido pelo poeta “Dudé das Aroeiras”, pertencente à cidade, um trovador empenhado em cantá-la, revivê-la, cultuá-la, pois, segundo Dudé: “Terra nenhuma tem obrigação para com seu filho, seu filho sim; é que tem total obrigação para com ela” (AROEIRAS, 2003).

Entre as produções, tomamos como destaque e como ponto principal para essa análise a obra cujo teor é consagrando à (re) construção histórica da cidade de Aroeiras: **Pedras de riachos: a história da nossa história** (2003), volume que estabelece uma série de trânsitos e encontra-se na fronteira entre poesia popular, relato histórico-geográfico e memória.

Composto por três partes: *Entrelaços* (p. 21), *Figuras Típicas e Históricas* (p.87) e *Notas importantes* (p.101); o livro abre espaço ainda para uma apresentação realizada pelo próprio escritor e oito comentários de pessoas ligadas à educação, ao magistério e à literatura local. Esse grupo intitula-se *Meus amigos comentam* (p. 13) e constitui uma espécie de “prefácio coletivo” realizado a oito mãos.

Nessa obra, o autor assume com autenticidade a posição de “recordador” e, através da memória, das memórias e lembranças por ele selecionadas, reconstrói o passado de sua terra a partir das evocações do presente num verdadeiro desenrolar de viagens entre os tempos que somente a literatura é capaz de realizar.

Com o subgrupo *Entrelaços*, o poeta inicia a reconstrução histórica das origens da cidade natal e, pelo uso efetivo de recursos populares da poesia como: as quadras e as oitavas, a redondilha maior, rimas alternadas e cruzadas, aproxima o leitor da historiografia oficial através do viés da simplicidade,

- (1) Em mil oitocentos e quinze
- (2) Um lusitano de brio
- (3) Abre a história e imprime
- (4) Nas proximidades de um rio...

- (1) Ali Laurentino viu
- (2) Debaixo de um céu azul
- (3) Um olho d'água sombrio
- (4) Chamando-o de Aricuru
- (5) Ari devido às palmeiras
- (6) Curu devido às urtigas
- (7) Assim surgiu Aroeiras
- (8) Por entre as serras perdidas...

.....

- (1) Assim nascia Aroeiras
- (2) De sonho, esperança e fé
- (3) Chamaram-na de Catolé
- (4) Dos Sousas, não agradou
- (5) Então chamaram essas feiras
- (6) Catolé das Aroeiras
- (7) Depois somente Aroeiras
- (8) E até hoje florou (AROEIRAS, 2003, p. 21).

As imagens metafóricas construídas e a profusão de elementos ligados à vegetação local como *Ari* (v. 5), *Curu* (v. 6) e o próprio nome da cidade *Aroeiras*, conferem ao poema um caráter bucólico marca essencial num poeta que elege os ramos, as árvores, as raízes e folhagens como símbolos de uma gente e de um povo que, desde a origem, alimenta-se do trânsito, da passagem. Nesse sentido, vale a pena observar que no decorrer dos “entrelaços”, os elos da literariedade formal e estético do texto, embrenham-se nas ramificações históricas sobrepostas em espécie de blocos explicativos justapostos às estrofes numa autêntica atitude de intercâmbio entre o modo oficial de contar e o jeito poético de reviver a história.

Assim, através dos recursos estéticos convidados a celebrarem uma historicidade diferente, o poeta prossegue nas páginas seguintes e reserva um espaço essencial para as figuras importantes na construção histórica do lugar. Aqui, não somente os expoentes da história oficial merecem destaque, já que padeiros, comerciantes, almocreves e prostitutas são trazidos ao patamar da história e exaltados como elementos fundamentais na criação e manutenção de uma cidade que se formava.

Nessa parte, ainda nos *Entrelaços*, o eu-poético faz a ponte, a ligação entre passado e presente ressaltado uma frase em especial: “Hoje nós somos o presente, no futuro, o passado somos nós”. Desse modo, coloca em evidência a importância do presente para que o passado seja revivido, “pois se lembramos, é porque os outros, a situação presente, nos fazem lembrar” (BOSI, 2004, p. 54).

Nos versos a seguir transcritos, essa consciência hifenizada entre as lembranças que surgem na memória do poeta-recordador-historiador aparece graças aos recursos e diálogos executados entre a memória, a história e a literatura:

- (1) E o tempo com os seus deslizes
- (2) Corre e vai onde quiser
- (3) E hoje Aroeiras é
- (4) Já um novo mostruário
- (5) Contamos com o Hotel Aquários
- (6) Com lanchonetes e bares
- (7) Telefones particulares
- (8) Nova Matriz do Rosário (AROEIRAS, 2003, p.27).

De acordo com Bosi (2004, p. 55),

A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor.

Assim, são os fatos do agora que trazem ao texto a necessidade de se pensar o ontem e de observá-lo, na maioria das vezes, pela ótica da saudade, da tradição perdida e não mais recuperada.

Por outro lado, o poeta esmera-se em conduzir ao ambiente da reconstrução mnemônica as figuras lendárias da cidade e que foram despojadas pelo silenciamento da história oficial. No grupo de textos intitulado *Figuras Típicas e Históricas* (p. 87) o modo poético de reconstruir a história, assumido na parte inicial, abre espaço para a narrativa biográfica de pessoas conhecidas da cidade, mas que não mereceram registro nos relatos históricos.

Aqui, as viúvas, os loucos, os jogadores, os ladrões e boêmios são conduzidos para um local de destaque dentro de uma obra que visa a trazer a história de muitos elos e pedras, alicerces de Aroeiras. *Seu Miné* (p. 96), *Sá Dona* (p.93), *Zé da Maleta* (p. 87) ocupam um

espaço negado na historiografia oficial e são alocados num plano privilegiado do livro. Tal parte não procura exaltar os feitos heróicos das personagens, mas sim descrevê-las como personalidades marcantes e construtoras da história, moradores da memória coletiva daqueles que viveram a Aroeiras das décadas passadas e, como o próprio poeta, puderam usufruir da companhia de seres ricos em excentricidade. A história de *Nivaldo Chico*, tecida pelas marcas da lembrança, dá a dimensão e a importância desses seres nos revezes da memória aroeirense,

Nivaldo Chico
(Em memória, década de 60)

Era na verdade a própria representatividade da maior antítese do ser humano, Vida e morte. Vida, quando se destacou como um dos maiores carnavalescos da nossa história, sendo por muito tempo o nosso tradicional Zé Pereira, além de um grande fabricante de balões... Nivaldo enraizava alegria e era a própria magia da vida... Morte, quando por um longo tempo fora o nosso coveiro, que se dizia ser aquele delegado que quando prendia, o réu jamais se soltava. Muitas vezes usando sempre de sua espiritualidade humorística, coisas de quem sempre estava de bem com a vida, disse a mim mesmo: “ – **A barra ta ruim Zé! Nunca mais morreu uma pessoas “estribada”, por isso ultimamente tenho andado muito liso.** Nivaldo era baixo, magro, deficiente físico, todavia, carregara no seu corpo franzino, um rio que transbordava pororocas de alegrias... (grifos do autor) (AROEIRAS, 2003, p.92).

A afetividade percebida na adjetivação da pessoa – transformada a um só tempo personagem literária e personalidade histórica – confere a importância por ela assumida na criação literária de um autor que aqui desempenha a função de uma testemunha que não só ouve, mas sim como testemunha que vê e que participou diretamente do fato narrado (HARTOG, 2001). Desse modo, esse ser passa a integrar uma história que se foi, mas que, segundo os critérios seletivos do poeta e recordador, merece ser consagrado com um lugar na memória histórica da cidade.

Pela modificação do tom literário assumido nas duas partes iniciais do livro, o terceiro grupo apresenta uma espécie de apêndice ou guia intitulado *Notas importantes* (p. 101). Nele o poeta parece ser substituído pelo historiador e o livro assume uma postura didática na transmissão de informações geográficas, geológicas, culturais, além de delegar um espaço para os poderes e instituições presentes no passado e na atualidade de Aroeiras.

Interessante perceber que, mesmo nessa parte de certa forma canônica, o historiador Dudé das Aroeiras não se fixa num posicionamento convencional. Mesmo aqui, existe um espaço destinado para destacar os cinemas, os boêmios, os cabarés, as parteiras e outras

personalidades importantes, conhecidas na Aroeiras de ontem e trazidas à Aroeiras de hoje, pela ótica de um recordador-poeta. Na página 167, o destaque fica por conta dos contadores de piadas.

CONTADORES DE PIADAS

Excelentes contadores de piada: Deca de Águia, André Ricardo, ambos da época atual. **João Ferreirinha** (em memória), **Dão Pineco** (em memória), **Biu Pineco** (em memória) (AROEIRAS, 2003, p. 167).

Pela linguagem utilizada, pela descontração observada na preferência dada aos apelidos ao nome oficial, o historiador mais uma vez se faz poeta e quebra a oficialidade histórica com a inserção de algo que o discurso oficial hesita em contar.

Finalmente, para mesclar ainda mais os estilos de seu livro, o poeta-autor-recordador-testemunha abre espaço para uma subseção intitulada *Curiosidades* (p.175) e nela, à moda dos almanaques antigos, apresenta o mote: *Você sabia* (p. 177).

Você Sabia?

- João Padre foi o primeiro morto a ser desenterrado com suspeita de ter sido enterrado vivo...
- A professora Patrícia Germano, além de ser dona do primeiro videocassete do nosso município, foi a primeira a trabalhar com o mesmo, sendo também a primeira em filmar os eventos socioculturais (década de 90).
- O livro **PEDRAS DE RIACHOS** contém:
33.062 palavras
6.680 linhas
3.155 parágrafos (grifos do autor) (Op.cit., p. 181)

Assim, as curiosidades elencadas escapam a qualquer pretensão histórica oficial e trazem à cena uma construção de uma história alternativa, pois na seção são privilegiados os causos engraçados, os costumes locais de antigamente, e até as curiosidades metalingüísticas do livro por ele produzido e que, certamente, já faz história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Pelos riachos fronteiros, líquidos e móveis da criatividade humana, a arte criada pelo autor Dudé das Aroeiras em seu volume que despreza qualquer tipo de rótulo, põe em xeque

as velhas noções de pertencimento, na medida em que desconsidera qualquer tipo de reducionismo estético ou mesmo qualquer aval histórico.

Pela concepção visualizada em **Pedras de riachos**, a metáfora da liquidez vem para desmanchar os sólidos padrões orquestrados pela literatura em tempos modernos e, para cada vez mais colocá-la como participante ativa das recriações mnemônicas, sendo ainda, um locus preferencial para que as histórias silenciadas sejam ditas e ouvidas.

Num percurso de trânsito, o autor usa a literatura para trazer a seu público a história oficial, desta feita “amaciada” pelos recursos de linguagem, pelo labor das palavras e metáforas, pelas engrenagens especiais de um olhar cheio de ritmos sinestésicos e de afetividade. De outro modo, caberá ao poeta, que ainda é historiador, embrenhar-se ora pelo testemunho de quem vê, ora pelo testemunho de quem sabe e assim, transmitir ao seu leitor o legado dos excluídos, daqueles a quem a história canônica tantas vezes silenciou.

Por fim, a partir das notas especiais e informações básicas, o autor parece que reverbera as questões ideológicas em prol dos marginalizados, justamente pela realocação crítica de fatos não ditos, mas que povoam os espaços da memória e ganham fôlego a partir da arte que produz.

Com esses apetrechos ímpares, não causa espanto encontrar uma verdadeira fixação da massa de leitores do município de Aroeiras em relação ao livro **Pedras de riachos**, interesse fomentado ainda mais pelas enquetes sobre a obra realizadas pelo poeta no seu programa radiofônico. A participação de jovens, adultos, crianças, a audiência rotineiramente eclética só comprovam que essa parceria entre literatura e história rende cada vez mais frutos à velha árvore Aroeiras.

REFERÊNCIAS:

AROEIRAS, Dudé das. **Pedras de Riachos: a história da nossa história**. João Pessoa: Idéia, 2003.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. 11 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CÜLLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. [Trad.]. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca produções, 1999.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **O que é filosofia**. [Trad.]. Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Munõz. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

EAGLETON, Terry. **A ideologia da estética**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

_____. **Teoria da literatura:** uma introdução. [Trad.]. João Azenha . 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GONÇALVES FILHO, Antenor Antônio. **Educação e Literatura.** Rio de Janeiro: DP& A, 2000.

PESAVENTO, Sandra (org.). **Fronteiras do milênio.** In: Fronteiras do milênio. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2001. p. 7-11.

HARTOG, François. **A testemunha e o historiador.** In: PESAVENTO, Sandra (org.). Fronteiras do milênio. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2001. p. 11-43.

CATROGA, Fernando. **Memória e história.** In: PESAVENTO, Sandra (org.). Fronteiras do milênio. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2001. p. 43-71.